

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>

facebook.com/uemmoc

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz

Edição: 254 | Sexta-feira, 17 de Março de 2023 | Periodicidade: Semanal



Ciclone Tropical "Freddy" destrói infraestruturas da ESCMC

A Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras (ESCMC), sediada em Quelimane, sofreu danos materiais avultados resultantes da passagem do Ciclone Tropical "Freddy", que fustigou a Cidade de Quelimane, entre os dias 11 e 12 de Março passado.

Segundo o Director da Escola, Dr. Avelino Langa, não houve vítimas humanas a lamentar entre os membros da comunidade académica desta unidade orgânica da UEM. Contudo, há diversas infraestruturas que ficaram parcialmente destruídas no campus principal do Chuabo Dembe,

bairro situado nos arredores da cidade e dos edifícios no campus que se localiza no centro da cidade de Quelimane.

Entre os danos materiais, destaca-se a destruição total da cobertura de 3 edifícios, que compreendem anfiteatros, salas de aulas, biblioteca e sector administrativo.

AINDA NESTA EDIÇÃO:

UEM reforça cooperação com a Itália

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) realizou de 13 a 17 de Março uma visita de trabalho a diversas instituições de ensino e pesquisa italianas como forma de estreitar as relações de cooperação com a Itália, existentes há mais de 45 anos.

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:
(+258) 87 345 6444
(+258) 86 812 8858
cecoma@uem.ac.mz



Os danos na cobertura estendem-se a mais dois (2) quartos pertencentes aos estudantes bolsiros da Escola. Nos locais onde houve remoção da cobertura, há danos no mobiliário, material bibliográfico, documentos e material informático.

Devido aos estragos causados no bairro à volta da escola, duas salas de aulas estão a ser utilizadas como abrigo da população que perdeu as suas habitações com a intempérie.

Actualmente, as actividades académicas na ESCMC estão interrompidas, até que as condições para o efeito sejam criadas. Neste momento, decorre o levantamento das necessidades para a reposição dos danos causados nas infraestruturas para a sua reposição.



UEM reforça cooperação com a Itália

A Universidade Eduardo Mondlane (UEM) realizou de 13 a 17 de Março uma visita de trabalho a diversas instituições de ensino e pesquisa italianas como forma de estreitar as relações de cooperação com aquele País Europeu, que duram a mais de 45 anos.

Numa equipa liderada pelo Magnífico Reitor, vários Directores de Unidades Orgânicas que têm projectos de investigação em curso e/ou em vias de implementação, efectuou também visitas de cortesia à Embaixada de Moçambique na Itália, O Ministério de Negócios Estrangeiros Italiano, a FAO (onde discutiu-se oportunidades de estágio para os estudantes da UEM), o Vaticano e um dos maiores parceiros de financiamento que é a Agência Italiana de Cooperação para o Desenvolvimento (AICS).

As instituições visitadas são: Universidade de Pádua, Universidade de Génova, La Sapienza Universidade de Roma, Universidade Vita e Salute/HSR Milão e Academia Nacional de Lincei.

No Vaticano, a delegação foi recebida na Embaixada de Moçambique na Santa Sé pelo Embaixador Raul Domingos e manteve encontro com o Cardeal José Tolentino de Mendonça, que é o Dicastério para Educação e Cultura no Vaticano, onde discutiram a possibilidade de cooperação na área de formação, com destaque nas áreas de Ética e Filosofia.

Durante as reuniões e audiências, o Magnífico Reitor reiterou o facto de a UEM, no âmbito do seu desiderato de se tornar uma Universidade de Investigação, contar com a parceria estratégica de instituições italianas numa perspectiva de continuidade e incremento de projectos conjuntos e diversidade de áreas de cooperação.

Durante a visita houve também encontros bilaterais entre os coordenadores dos projectos actualmente em implementação e

o Magnífico Reitor teve oportunidade de visitar e cumprimentar 8 colegas da UEM em formação no Politécnico de Milano.



Da esquerda para direita: Raúl Domingos, José Tolentino, Manuel Guilherme e Ézio Bono



Parceiros de universidades da Polónia visitam UEM

A Universidade Eduardo Mondlane recebeu, esta Segunda-feira, a visita de parceiros das universidades da Polónia, nomeadamente a Calisia University e Cracow University, numa acção que visa fortalecer os laços de cooperação académica entre estas instituições de ensino.

A visita enquadra-se, igualmente, nos esforços do Gabinete de Cooperação para a internacionalização da UEM, promovendo, deste modo, actividades de mobilidade académica de estudantes, docentes e membros do corpo técnico administrativo das instituições envolvidas, à luz do Programa Erasmus+, financiado pela União Europeia. Segundo a Vice-Reitora Académica, Prof.^a Doutora Amália Uamusse, a parceria com as universidades da Polónia é relevante, pois irá fortalecer o trabalho conjunto, no concernente à troca de experiências, aumentando, assim, a visibilidade da UEM e das universidades parceiras.

“Irá promover a transferência de conhecimentos entre os parceiros, portanto, foi com grande interesse que, em 2020,



recebemos a primeira aproximação da Calisia University e Cracow University, com o objectivo de cooperar com a UEM dentro do Programa Erasmus+, primeira instituição da Polónia a fazer parceria com a nossa Universidade”, afirmou.

A Vice-Reitora lamentou o facto de a Covid-19 ter comprometido o cumprimento de alguns objectivos plasmados no programa de cooperação com estas universidades.

Por sua vez, a Vice-Reitora da para área

académica da Calisia University, Prof.^a Doutora Tatiana Manasterka, fez saber que no âmbito da cooperação com a UEM, neste momento, dez estudantes moçambicanos encontram-se a frequentar diferentes cursos naquela universidade polonesa. Adiantou que tencionam acolher dez funcionários do Corpo Técnico Administrativo (CTA) para visita e treinamento em diversas temáticas naquela instituição europeia.

Docentes formados em primeiros socorros psicológicos

Docentes e investigadores da Universidade Eduardo Mondlane foram capacitados, esta Segunda-feira, em Primeiros Socorros Psicológicos para garantirem assistência humanitária às vítimas de desastres naturais em casos de emergência.

A formação orientadora, com a duração de cerca de quatro horas de tempo, foi promovida pela Faculdade de Educação da UEM. Durante o evento, o Director-adjunto para Investigação e Extensão nesta unidade, Prof. Doutor Augusto Joaquim Guambe, explicou que o acto acontece numa altura em que o país se depara com a situação crítica de inundações provocadas pelo ciclone “Freddy”, bem como o terrorismo que ceifa vidas humanas na região norte e centro, daí que espera uma acção interventiva dos formandos.

“Aprende-se o que pode ser feito nos primeiros momentos quando acontece algo traumático. Refiro-me a cuidados que se pode dar a uma pessoa para enfrentar esta situação e criar condições para que ela seja resiliente e aceitar as mudanças que vão ocorrer a nível individual”, afirmou.

Por seu turno, a docente Isália Licença Mathe, também da Faculdade de Educação, reiterou a importância da formação,

assegurando que, como profissional da psicologia, formações como esta ajudam a aprofundar aspectos que possam escapar no âmbito interventivo.

A mesma opinião foi defendida pela Dra. Corina de Assis, Investigadora da UEM, que disse esperar adquirir conhecimentos suficientes para saber lidar com situações de crise, catástrofe e adversidade.

“Um dos aspectos destacados é sobre como nos tornarmos cada vez mais resilientes, porque os efeitos de eventos como desastres naturais, são imprevisíveis”, sublinhou.

Para além de docentes e investigadores, a formação contou com a participação de estudantes de pós-graduação em Terapia Familiar e Comunitária, da Universidade Eduardo Mondlane.



PARA O DESENVOLVIMENTO EQUILIBRADO DAS CONDIÇÕES DOS DESPORTISTAS

Especialista defende intervenção constante da medicina desportiva

A Professora Fátima Mendonça disse, em Maputo, que sem se aperceber, José Craveirinha tornou o Bairro da Mafalala, onde viveu, o centro a partir do qual grande parte da sua poesia emergiu, oscilando entre ser um espaço matricial, objectivo que encaminhou muitos dos seus poemas para o efeito épico ou um lugar, a partir do qual, a realidade histórica foi interpelada.



A responsável do Centro de Medicina Desportiva, Dra. Adélia Ndove, defendeu que a evolução de desporto em Moçambique requer uma acção constante e sistemática da medicina desportiva, com vista ao desenvolvimento equilibrado das condições dos desportistas, que poderão utilizar ao máximo as capacidades fisiológicas naturais.

A especialista falava esta Quarta-feira, no Campus Principal, durante uma palestra subordinada ao tema “Pela ESCIDE que nós queremos: compulsando as áreas de formação”, alusiva à Abertura do Ano Académico desta unidade orgânica da UEM.

Explicou que a medicina desportiva é uma especialidade médica que tem como público-alvo todo o indivíduo que pratica exercícios físicos, desde a pessoa que vai ao ginásio para manter a forma até ao atleta profissional de elite.

“A avaliação médica é uma das coisas que, provavelmente, não interiorizamos e não levamos

a sério como um factor muito relevante para evitar e prevenir riscos. O médico, em medicina desportiva, é o clínico que domina áreas como prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação de lesões agudas ou crónicas associadas à prática desportiva”, destacou.

Acrescentou que o médico desportista deve ter a capacidade de identificar a correção de factores de risco que possam estar associados a lesões desportivas e acompanhar o atleta que pretende melhorar aspectos da sua capacidade física.

Por sua vez, o Director da Escola Superior de Ciências de Desporto, Doutor Paulo Gumende, disse aos novos ingressos que a UEM procura proporcionar a todos universitários um ambiente que facilita a integração académica e cria condições para o sucesso.

“Por isso, estamos certo de que, rapidamente, irão se dissipar os vossos receios e dúvidas. O papel importante cabe aos colegas mais velhos

Futebol-11 junta Reitor e directores das unidades

A UEM acolheu, no passado fim-de-semana, um torneio de futebol-11, envolvendo dirigentes ao mais alto nível da instituição, nomeadamente o Reitor, directores de órgãos centrais, faculdades e escolas da cidade de Maputo.

Segundo a Directora do Centro de Desenvolvimento de Desporto e Educação Física na UEM, dr^a. Lurdes Munguambe, a iniciativa que, passa

a se realizar no primeiro Sábado de cada mês, tem como objectivo promover o convívio e socialização entre os dirigentes da instituição e os directores das unidades localizadas na cidade de Maputo.

No Sábado passado, o evento realizou-se no Complexo Altenor Pereira, das 7h00 às 9h00 horas.



que estão em excelentes condições de vos apoiar durante o processo de integração, através de meios e acções adequadas, em articulação com a escola”, exortou.

Reiterou que não serão tolerados processos pouco dignificantes e causadores de prejuízos físicos ou psicológicos.

A cerimónia de abertura do ano académico contou com a participação dos representantes do Governo, do Instituto Nacional do Desporto, ex-directores da ESCIDE, associações desportivas, bem como dos estudantes desta unidade orgânica da Universidade Eduardo Mondlane.

Guardas do CEDAS recebem novo uniforme

O Director da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal e o da DAPDI procederam à entrega de uniformes aos 20 guardas do Centro de Desenvolvimento Agrário de Sabiê (CEDAS), um Centro interno da FAEF.

O Kit de uniforme entregue é constituído por 40 calças, 40 camisas, 40 chapéus, 40 pares de botas de cano alto, 20 cinturões, 20 pares de peúgas, 20 capas de chuva e 20 pastas de costas.

Na ocasião, os directores transmitiram recomendações aos guardas para que se mantenha sempre bem apurados e que dignifiquem o nome da UEM.

Os guardas foram igualmente exortados a conservarem o uniforme, pois a sua aquisição resulta de um grande esforço financeiro da UEM em reconhecimento ao seu valioso trabalho.

Em representação dos guardas, o Chefe do Centro, dr. Nelson Mabjaia, agradeceu pelo acto e referiu que este gesto irá elevar a moral dos guardas e terá um impacto significativo na melhoria das acções operativas da segurança ao nível do CEDAS.

O Director da DAPDI, dr. Nelson Johane, anunciou que, nos próximos dias, acto igual terá lugar no Centro Agro-Florestal de Machipanda (CEFLOMA), outro Centro interno da FAEF, onde serão entregues 36 calças, 36 camisas, 36 chapéus, 36 pares de botas de cano alto, 18 cinturões, 18 pares de peúgas, 18 capas de chuva e 18 pastas de costas.

“Sinto-me honrado por ter trabalhado na UEM”

- Ernesto Ximanganine, músico

A Escola de Comunicação e Artes da UEM (ECA) assinala, este ano, 10 anos após a introdução do bandolim, um instrumento cujas cordas e afinação são totalmente diferentes da viola convencional. Em Moçambique, o uso deste instrumento está associado ao desenvolvimento da música popular, cujos percussores constam nomes sonantes do nosso mosaico cultural como Alexandre Langa, Abílio Mandlaze, Ernesto Ximanganine, Alberto Mucheca, entre outros, liderados por Fany Mpfumo.



A introdução desta disciplina foi um contributo da ECA, de modo a garantir a preservação do conhecimento existente sobre suas formas de execução. Para o efeito, em 2013, a ECA contratou Ernesto Ndzevo ou simplesmente Ximanganine, antigo aluno de Fany Mpfumo, nome maior da marabenta. Desde então, o seu dia-a-dia era passado na sala de aulas, onde procurava passar esse conhecimento aos mais novos. Entretanto, devido a muitos factores, o seu contrato foi interrompido em 2021. Até a data da sua contratação, Ximanganine era o único músico em vida em Moçambique que tocava o instrumento. Hoje, a sua acção na ECA fez brotar muitos novos executantes, espalhados um pouco por todo o país.

Trazemos, hoje, uma breve conversa com esta figura e alguns dos seus discípulos que agora têm a responsabilidade de continuar a formação de mais moçambicanos na execução deste prestigioso instrumento.

Ximanganine, quando é que teve o primeiro contacto com o bandolim?

Foi em 1979, quando conheci o Fany Mpfumo. Ele trabalhava com Alexandre Langa. Gostei da forma como ele tocava, então, pedi que me ensinasse. Aprendi com o mesmo bandolim que o Fany Mpfumo

tocava. Depois, fui trabalhar com o Abílio Mandlaze, no agrupamento os Galtons.

Como foi a sua experiência quando chegou à ECA?

Foi muito boa. Comecei com o mesmo instrumento que recebi do Fany Mpfumo e, depois, a Escola adquiriu cinco bandolins. Tínhamos solicitado dez; os outros vieram com deficiências, por isso, devolvê-mo-los aos fornecedores.

Que avaliação faz desse período que trabalhou na ECA?

Foi positivo, porque vejo o resultado, através dos meus antigos estudantes. E a maior parte deles ainda se lembra de mim. Tenho estudantes que agora já ensinam em vários locais do país, incluindo aqui na ECA. Posso dizer que cumpri a minha missão ao ensinar os outros e passar os meus conhecimentos à próxima geração. Confesso que ter trabalhado aqui foi uma honra para mim.

O que levou a paralisação do seu contrato?

Fui dito que não podia renovar o contrato porque não tenho certificado de habilitações literárias para o meu enquadramento,

tendo em conta que isto é uma academia. Aqui você pode saber fazer as coisas, mas quando não tem certificado, fica parado. Naquela altura, os meus professores Fany Mpfumo, Alexandre Langa, Francisco Mahecuané, Xidiminguana e Alberto Mucheca ensinaram-me a tocar e não me deram certificado, mas agora exigem certificado para trabalhar. Por isso, parei de dar aulas aqui na ECA. Onde posso ir buscar o tal certificado?

Fico triste porque gostaria de continuar a dar aulas e os estudantes também querem que eu continue. Há muitos que tem o tal certificado, mas não são bons ao tocar os instrumentos. Nos tempos, não havia isso de certificados, bastava você saber tocar.

“Aprender a tocar bandolim foi um ganho para mim”

– afirma Filipe Nhassavele, antigo estudante do Ximanganine

O conceituado guitarrista e cantor moçambicano Filipe Nhassavele foi estudante do mestre Ximanganine e confessa que, apesar da sua longa experiência na arena musical, nunca tinha tido contacto com o instrumento. Após a sua formação na ECA como estudante, foi integrado como docente na disciplina de Timbila. Mas a Direcção da Escola, prevendo o término de contrato com o mestre Ximanganine por razões de força maior, orientou a Filipe Nhassavele a contactar Ximanganine para receber aulas intensivas de bandolim, de forma a garantir a continuidade das aulas. Actualmente, o artista acumula as disciplinas de Timbila e Bandolim.

Como foi trabalhar com Ximanganine?

Foi um prazer trabalhar com o mestre Ximanganine, um artista que eu já admirava. Nunca tinha trabalhado com o bandolim, foi um ganho para mim. E vou tentando transmitir aquilo que aprendi. Mas, agora,

temos o desafio de saber sistematizar aquilo que Ximanganine me ensinou. Ele não aprendeu a sistematizar, mas é um grande mestre a tocar.

No nosso contexto, esse instrumento ainda não foi teorizado. Significa que as aulas são apenas práticas?

Sim, as aulas são práticas. Mas, como disse, estamos a fazer um trabalho de sistematização. Nas pesquisas que fiz, descobri que este instrumento não é nosso, estamos a usar a mesma afinação dos padrões internacionais, mas adaptado a realidade da música moçambicana. O que fazemos aqui, o europeu não faz. Estou ainda a desenvolver a componente teórica deste instrumento no contexto africano; é um trabalho difícil, mas que é necessário.

Qual é a diferença de usar este instrumento para a música moçambicana com os outros estilos?

As notas são totalmente diferentes. Tocar o Dó ou Ré no bandolim é totalmente diferente de um instrumento convencional, mesmo na afinação é diferente.

“Ximanganine é o maior ícone na execução do bandolim”

- Elias Salvador Panguene, antigo estudante

Outro discípulo do mestre Ximanganine chama-se Elias Salvador Panguene, que, igualmente, é docente na ECA. Para ele, Ximanganine é, na actualidade, o maior ícone na execução do Bandolim, depois do Fany Mpfumo. Confidenciou que o mestre

já recebeu muitos estrangeiros de diversos países, incluindo da Europa, que vieram para aprender técnicas ou tirar dúvidas sobre a execução do bandolim. “É preciso acarinhar o mestre Ximanganine, para continuar a transmitir esses conhecimentos para as próximas gerações”, disse, acrescentando que o desafio é ainda maior, uma vez que muitos estudantes, ao ingressarem na ECA, querem mais instrumentos convencionais e de música clássica, em detrimento de ritmos locais. “Por isso, é importante trazer de volta o mestre para continuar a formar as próximas gerações”, apelou.



Da esquerda para direita: Salvador Panguene, Ernesto Ximanganine e Filipe Nhassavele

“Estamos empenhados em trazer de volta o mestre Ximanganine”

- garante Prof. Doutor Eduardo Lichuge, Director da ECA

A Direcção da Escola de Comunicação e Artes (ECA) está empenhada em trazer de volta o Ximanganine para continuar a formar a próxima geração de executores do bandolim. A garantia nesse sentido foi dada pelo Director desta unidade, o Prof. Doutor Eduardo Lichuge, afirmando que tem estado a ensaiar uma série de acções com vista a fazer regressar o mestre à academia. Entre as iniciativas a curto prazo constam a introdução de cursos de curta duração. Fez saber que a paralisação do contrato de Ximanganine deve-se a um conjunto de regras que a academia propõe por entender que o mestre não tinha diploma para o seu enquadramento legal.



E quais são as implicações disso, senhor Director?

Tem implicações. Porque é um instrumento que não é tocado por qualquer um, requer muita perícia. Mesmo nos outros horizontes, o instrumento está associado à música clássica, como é o caso do fado, em Portugal. É nosso desejo voltar a ter o nosso mestre Ximanganine.

Que significado tem o bandolim para música moçambicana?

O bandolim é um instrumento que está ligado a todo o processo de desenvolvimento da música popular em Moçambique e da relação entre Ximanganine e Fany Mpfumo. Estamos a falar de dois patrimónios para ECA, primeiro o próprio Ximanganine e, depois, o instrumento e história de como o bandolim acaba se integrando na nossa música. Portanto, aqui na ECA, o bandolim é um instrumento que nos ajuda a desenvolver o nosso património musical e também a história da nossa arte na cidade de Maputo, por estar associado a meio urbano da capital do país.

Nesse sentido, ao negarmos que Ximanganine e outros percussores da nossa música entrem para academia, estamos a negar a nós mesmos, porque, como academia, temos o desafio de escrever a nossa própria história da arte e da música. E temos que fazer esse projecto com eles aqui.

Mas como são feitas as aulas, se o bandolim ainda não está teorizado?

Esse é um problema, porque nós fomos ensinados a produzir conhecimento que vem de uma lógica ocidental, de achar que o que não está escrito não tem teoria, mas tem teoria. Tem uma outra forma de saber e fazer saber que não é a escrita, mas tem teoria que se ensina tocando.

Qual é a avaliação da introdução deste instrumento na ECA?

Fazemos uma avaliação positiva porque conseguimos formar muitas pessoas, incluindo o próprio Filipe Nhassavele, que, agora, dá aulas na disciplina de Bandolim; é resultado desse processo. Temos uma série de estudantes já formados e espalhados um pouco pelo país. Não os vemos a tocar porque a aquisição de um instrumento de bandolim é muito cara e os preços são proibitivos. Mesmo nós, adquirimos apenas para as aulas.

“Quero tornar AEU mais inclusiva e participativa”

– Onório António, Presidente da AEU

Chama-se Onório Eduardo António, natural da província de Nampula. Desde Novembro de 2022, assumiu os destinos da Associação dos Estudantes Universitários (AEU), a maior agremiação estudantil do país, focado na resolução dos problemas dos estudantes. O actual Presidente da AEU nasceu e cresceu na cidade de Nampula e com curta passagem na província de Sofala, onde concluiu o 2º ciclo do ensino médio (12ª classe), antes de vir a Maputo para frequentar o ensino superior. Assume a liderança da AEU numa altura em que se encontra a frequentar 4º ano do curso de Psicologia Escolar e das Necessidades Educativas Especiais.

Tem bem claro o objectivo que pretende atacar durante o seu mandato de dois anos, nomeadamente tornar AEU mais participativa, melhorar as condições dos estudantes com necessidades educativas especiais, realizar acções que incentivam estudantes no desenvolvimento de artigos científicos, melhoria das condições alimentares e de residências estudantis, entre outras iniciativas que podem ser lidas nas linhas que se seguem.



Quando veio estudar na Universidade já tinha essa vontade de se tornar presidente da AEU?

Não tinha expectativa nenhuma, a vontade de concorrer veio quando vi o edital de candidatura.

O que o motivou a se candidatar a presidência da AEU?

A minha primeira motivação foi olhar para o sofrimento de um colega que, para chegar à sala de aula, levava duas horas por conta da sua deficiência física, da entrada da Julius Nyerere até ao Complexo Pedagógico. Eu olhava para ele e pensava como podia melhorar a situação dele.

Outra motivação foi olhar para as condições da alimentação e das residências universitárias, todas ou quase todas já não estão em condições, isso também me inquietava e sentia a necessidade de fazer algo para melhorar, e para a questão da alimentação consegui criar uma comissão para trabalhar de forma conjunta com os cozinheiros.

E, por fim, vi que muitos estudantes não têm condições de usar um smartphone para ter acesso às aulas online, e tendo em conta que, hoje, as informações circulam nas plataformas digitais, muitos estudantes ficam de fora. Para minimizar esse problema, temos um projecto que se encontra ainda na fase inicial e que só está a espera do despacho do Reitor da Universidade. E o projecto tem como objectivo ajudar o estudante a adquirir um smartphone ou um computador, fazendo o pagamento em prestações que podem variar de 6 a 8 meses.

Quais são os principais desafios da AEU actualmente?

Os principais desafios são tornar AEU mais



inclusiva e participativa, porque tem muitos estudantes que não sabem da existência da associação, principalmente os que não são residentes. E, agora, temos um plano e pretendemos desenvolver actividades em todas as faculdades e escolas da Universidade, tenho em conta o Plano Estratégico da UEM 2018-2028 que é o de se tornar numa universidade de investigação. E, para responder a isso, vamos criar acções de incentivo aos estudantes para que possam desenvolver trabalhos/artigos científicos e os mesmos serão apresentados em seminários, sendo que os melhores trabalhos serão premiados.

E já formou o seu elenco de trabalho?

Sim, já temos estrutura, a vice-presidente e o porta-voz são de Maputo, o secretária-geral e executivo de Manica, o financeiro é de Quelimane e temos os coordenadores dos departamentos, a ideia era a inclusão de todas as províncias e faculdades para permitir que tenhamos um elenco que seja inclusivo, tal como é o nosso lema “por uma governação inclusiva, tudo para todos.”

Para as unidades que estão fora de Maputo, como pretende inclui-las nas suas acções de governação?

É um desafio. Agora estamos a revitalizar os núcleos. Neste momento, está em andamento o processo para eleição de novos presidentes dos núcleos, uma vez que os antigos já excederam o tempo de mandato e muitos já estão fora da Universidade. Até o dia 31 de Março, teremos os novos presidentes, com excepção da Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Negócios e Empreendedorismo de Chibuto, Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras (localizada em Quelimane) e da residência R8. Acredito que este exercício irá me ajudar a ter o controlo da máquina.

IIª Edição do **CURSO** de curta duração com direito a certificado **Fundamentos de Saúde e Segurança no Trabalho**

📅 17 - 21/Abril/2023

🕒 3 horas por dia

📍 **CEISA-UEM**
Rua Joseph Ki-Zerbo
nº 170/R.C, Maputo

Tópicos/Conteúdos:

- Introdução à Saúde e Segurança no Trabalho,
- Sinalização de segurança
- Restrição de segurança,
- Introdução aos tipos de agentes de riscos ocupacionais e ambientais,
- Segurança no trabalho em espaços confinados,
- Respostas a Situações de Emergência,
- Explosões e Incêndios e
- Relatório de investigação de acidentes.

Termos e condições de participação:

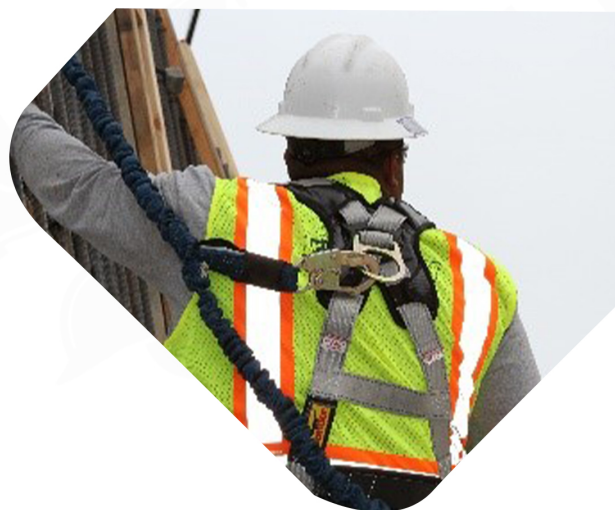
Pagamento de 100% do valor no acto da inscrição. **Os 5 primeiros inscritos terão 10% de desconto.**

● Para mais informação:

+258 86 66 67 120
ceisa@uem.mz



Centro de Estudos Industriais,
Segurança e Ambiente



● Curso em 2 períodos de forma presencial

Manhã das 9h – 12h

Tarde das 13h – 16h

Custo: **6.999,00 MZN**

● Dados bancários:

Domicílio: Banco Millennium BIM

Conta: 1170015

NIB: 000100000000117001557

Moeda: MZN

Titular: UEM-CEISA

● Inscrições:

17/Março - 15/Abril/2023

“Vagas Limitadas”